



Foto: José Monteiro Soares

*H*istórico
e Importância
Socioeconômica

Pedro Carlos Gama da Silva
Rebert Coelho Correia
José Monteiro Soares



1.1 Introdução

A vitivinicultura vem passando por mudanças significativas em várias partes do mundo, merecendo destaque a emergência de novas regiões produtoras, que vêm produzindo safras cada vez maiores, com produtividade acima da média mundial e produção de uvas de mesa e de vinhos finos de alta qualidade. No Brasil, o excelente desempenho dos vinhedos no Semiárido nordestino, a partir da década de 1980 do século passado, firmou o Submédio do Vale do São Francisco como uma nova fronteira para expansão da vitivinicultura no mundo, numa condição muito particular, qual seja, a produção de uvas e vinhos finos sob condições irrigadas no trópico semiárido.

No Submédio do Vale do São Francisco, a área irrigada atual é de, aproximadamente, 120 mil hectares, com expressiva participação da fruticultura. Destes, cerca de 12,2 mil hectares são cultivados com videira, dos quais 9,9 mil já se encontram em produção, sendo superada pelas culturas da manga, com 23,3 mil hectares, e da cana-de-açúcar, com 17 mil hectares, de acordo com os dados preliminares do censo realizado pela Codevasf (CODEVASF, 1999).

Em 2006, esta região já respondia por mais de 10% da área cultivada e por mais de 30% da produção de uva para consumo in natura no Brasil (AGRIANUAL, 2007). Entretanto, quando se considera apenas a produção de uvas finas para mesa com e sem sementes (Itália, Rubi, Red Globe, Sugraone, Thompson Seedless, Crimson Seedless, entre outras), ou seja, uvas das espécies européias *Vitis vinifera* L. diferentes, portanto, das uvas comuns das espécies americanas *Vitis labrusca*, que predominam nas demais regiões produtoras do país, estima-se que essa participação possa chegar a 90%. De acordo com os dados da Aliceweb (2008), esta região exportou, em 2007, cerca de 78,4 mil toneladas de uvas para o consumo in natura, o que equivale a 99% do total desta fruta exportada pelo Brasil.

A área cultivada com uvas para vinho nesta região, no ano de 2006, era da ordem de 1.000 ha, dos quais 70% já se encontravam em produção e 30% em fase de implantação. Nesse mesmo ano, esta região já respondia por mais de sete milhões de litros de vinhos finos e espumantes, que correspondiam a cerca de 15% da produção nacional. Esta atividade, que teve início na região no início da década de 1980, conheceu um expressivo crescimento no final da década seguinte, com a instalação de várias empresas vinícolas. Atualmente, as sete vinícolas em operação produzem cerca de 20 tipos de vinhos. Com uma boa adaptação das principais cultivares de uvas utilizadas na elaboração dos melhores vinhos das principais regiões viníferas do mundo, esta região vem especializando-se em vinhos finos, entre os

quais se destacam o Cabernet Sauvignon, Syrah, Chenin Blanc, Moscato Canelli, além dos espumantes moscatéis. Outros produtos derivados de uva, como suco e passas, começam a despontar nesta região, mas a sua produção ainda é incipiente.

A cultura da videira reveste-se de especial importância econômica e social para o Submédio do Vale do São Francisco, vez que envolve um grande volume anual de negócios e se destaca entre as culturas irrigadas, com a maior geração de empregos diretos e indiretos. Segundo Carneiro e Coelho (2007), o valor da produção de uva do Nordeste, em 2005, foi de R\$ 505,79 milhões, dos quais 97,5% do volume de negócios foram movimentados pela vitivinicultura do polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA. Trata-se de uma atividade que envolve um número significativo de pequenos empreendimentos, seja pela participação de um grande contingente de pequenos produtores, seja pelo expressivo número de ocupações geradas na dinâmica de serviços em torno de inúmeras atividades desenvolvidas ao longo da cadeia de produção de uva desta região.

Segundo Freund (2007), a região vinícola desse polo, localizada entre 9º e 10º de latitude sul, é a mais próxima do equador em todo o mundo. Essa produção de uva fora das tradicionais zonas temperadas, de acordo com Siqueira (2007), representa uma nova forma de paradigma setorial, uma nova fronteira a ser desbravada, com potencial para a produção de uvas e de produtos derivados, tais como: sucos, passas e vinhos de alta qualidade, indicando que as oportunidades de desenvolvimento da região Nordeste e do País precisam ser melhor aproveitadas, além de um leque de oportunidades econômicas ainda não exploradas, que podem ser potencializadas com a ampliação dos elos da sua cadeia produtiva, contemplando, também, a produção de doces e geleias, bebidas lácteas, cosméticos, fármacos, pigmentos, entre outros produtos, assim como o desenvolvimento do enoturismo desta região.

1.2 Evolução e dinâmica da vitivinicultura no Submédio do Vale do São Francisco

A presença da videira no Nordeste brasileiro não é recente. Segundo Leão e Possídio (2000), a videira já se encontrava presente no litoral dos estados da Bahia e de Pernambuco desde o século 16, onde alcançou alguma expressão econômica nas ilhas de Itaparica, BA e de Itamaracá, PE. Do litoral, a viticultura avançou para o interior destes Estados, alcançando as áreas de clima mais seco localizadas no Submédio do Vale do São Francisco.

Souza et al. (1959), citados por Albuquerque et al. (1987), fazem referências às cultivares de uvas viníferas, cultivadas em pequenas plantações, como as do Posto de Colonização da Diocese de Petrolina, em Petrolina, PE; do Horto Florestal (hoje Faculdade de Agronomia) e do Vale do Salitre, em Juazeiro, BA. Mas, até o final dos anos 1940, o cultivo da videira no Submédio do Vale do São Francisco não passava de uma atividade de quintal, sem critério técnico, valendo-se do uso da água desregrada e do esterco animal. As castas cultivadas, segundo Leão e Possídio (2000), pertenciam à espécie *Vitis vinífera* L. e eram originárias de Portugal.

Na década de 1950, surgem os primeiros empreendimentos públicos e privados, que funcionaram como embriões da vitivinicultura hoje praticada no Submédio do Vale do São Francisco. Em 1956, a Cinzano S.A. iniciou, em Petrolândia, PE, um projeto para 100 mil plantas de híbridos para vinho. Entre os pioneiros, destacam-se, também, o Senhor Milvernes Cruz Lima, que fez um plantio de videira em Belém do São Francisco, PE, no ano de 1957, e o espanhol José Molina, que, no ano seguinte, implantou uma área de videira com 10 ha, em Santa Maria da Boa Vista, PE, com o apoio da Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), que exerceu um papel decisivo na introdução desta cultura nesta região (LEÃO; POSSÍDIO, 2000). É com a entrada em cena dessa instituição, atual Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), que teve início a adoção de práticas de cultivo, tais como: poda, desbaste de cachos, controle de doenças, uso de fertilizantes, introdução de novas cultivares, entre outras¹. Com a instalação, pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), dos Campos Experimentais de Bebedouro, em Petrolina, PE, e de Mandacaru, em Juazeiro, BA, nos anos de 1963 e 1964, respectivamente, foram iniciados diversos trabalhos experimentais com a cultura da videira, tendo inclusive, implantado, no Campo Experimental de Mandacaru, uma coleção com diversas cultivares de uvas para mesa e para vinho². Posteriormente, com a criação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em 1975, os estudos experimentais foram intensificados com a ampliação das linhas de pesquisas que fundamentaram as bases técnicas para os sistemas de produção de uvas de mesa nesta região.

Vale ressaltar o levantamento pedológico de solos realizado pela Sudene, por meio de um convênio estabelecido com a Food Agricultural Organization (FAO), em 1966, que culminou com o levantamento das áreas potencialmente irrigáveis e

¹ Nesse período, surgem as cultivares Moscato Italiano, Peverella, Trebbiano, Moscatel D'Alexandria, Ferral Preta, Alphonso Lavallee, Alicante Preta, Ohanez e Itália. Essa última, introduzida na região no ano de 1958, no Núcleo de Colonização Afonso Ferraz, em Petrolândia, PE, e, em 1960, no Posto de Irrigação de Santa Maria da Boa Vista, PE, onde foi implantada pela Comissão do Vale do São Francisco uma coleção de cultivares de videira.

² Esses, entre outros relatos sobre as primeiras iniciativas de introdução da cultura da videira no Submédio do Vale do São Francisco, foram descritos por Góes e Albuquerque (1987).

com a elaboração do Plano Diretor para a Irrigação no Submédio do Vale do São Francisco, que contemplava todos os projetos públicos hoje existentes ou em implantação (Bebedouro, Nilo Coelho, Pontal, no lado de Pernambuco, e Mandacaru, Tourão, Maniçoba, Curaçá e Salitre, no lado da Bahia)³.

Foi nestes projetos que a vitivinicultura afirmou-se nesta região, como resultado do esforço de modernização da agricultura brasileira iniciada pelo Estado, a partir dos anos 1960. Esses projetos provocaram profundas transformações na estrutura produtiva, o que favoreceu o processo de sua integração a uma economia de mercado e agroindustrial. A implantação das grandes obras de infraestrutura rodoviária, hídrica e de obras complementares em infraestrutura social, nas décadas de 1970 e 1980, com grandes investimentos públicos e privados, fomentou a emergência de uma agricultura irrigada diversificada e dinâmica no Submédio do Vale do São Francisco, credenciando-o como um importante polo agroindustrial no Semiárido nordestino⁴ (SILVA et al.,1998).

O pioneirismo de alguns produtores ou empresários que vieram de fora da região, a partir de então, também, contribuiu para a afirmação da fruticultura. Esses produtores foram capazes de perceber o potencial que a região oferecia para a agricultura irrigada, e aproveitando o baixo preço das terras, instalaram-se e iniciaram os primeiros plantios de fruteiras em grande escala. Deve-se reconhecer que tais empreendimentos pioneiros tiveram um “efeito-demonstração” importante para o desenvolvimento futuro da fruticultura nessa região (SILVA, 2001).

Entre esses pioneiros, está o espanhol José Molina Membrado, anteriormente mencionado, que se instalou na região na década de 1950 e a quem se atribui a façanha da implantação do primeiro plantio de uva em bases comerciais, sendo considerado o precursor da fruticultura na região. Em sua fazenda de 200 ha, situada à margem esquerda do rio São Francisco, no município de Santa Maria da Boa Vista, PE, o Sr. Molina implantou 10 ha de videira, por volta do ano de 1958. Para isso, contou com apoio técnico da CVSF, que fez dessa fazenda o seu campo experimental e com o apoio financeiro do governo estadual de Pernambuco. Bem sucedido nesse empreendimento, o Sr. Molina conseguia colocar a sua produção

³Dois estudos importantes precederam o levantamento pedológico realizado pelo Convênio Sudene/FAO: o recobrimento e o levantamento aerofotogramétricos realizados pela Aerofoto, nos anos de 1953 e 1963, respectivamente.

⁴O Submédio do Vale do São Francisco é uma das quatro regiões fisiográficas deste Vale e abrange áreas dos Estados da Bahia e de Pernambuco, que se estendem desde o município de Remanso até Paulo Afonso, na Bahia. Portanto, é nesse trecho que está inserido o polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA, cuja territorialidade inclui, também, os municípios baianos de Curaçá, Sobradinho, Casa Nova e, no lado pernambucano, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista. Profundamente marcada pela presença das empresas de produção e exportação de frutas in natura, a “região” do polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA aqui considerada, na percepção dos agentes sociais locais e externos, identifica-se, atualmente, muito mais como território de influência do eixo econômico formado pela fruticultura irrigada, do que propriamente como um “polo agroindustrial” no imaginário dos órgãos de desenvolvimento regional (SILVA, 2001, p. 1-2).

no mercado, sem dificuldades, principalmente na cidade do Recife, PE, onde contava com a cooperação de um sócio no empreendimento, que era responsável pela comercialização naquela cidade.

O empresário paulista de origem italiana, Franco Persico, proprietário da empresa Persico Pizzamiglio, que produzia tubos de aço no Estado de São Paulo, fundou, em 1969, no município de Santa Maria da Boa Vista, PE, a “Fazenda Milano”. Esta fazenda é considerada a primeira empresa produtora de frutas, que contou com os incentivos fiscais da Sudene para se instalar nesta região. É nesta fazenda onde também, foi instalado o projeto pioneiro da Vinícola Vale do São Francisco para produção de vinhos. Este foi o primeiro empreendimento que iria dar origem à mais nova região vitivinícola do País. Especializada no cultivo da videira para produção de vinhos finos e uva de mesa para exportação e para o mercado interno, a Fazenda Milano foi vista, por muito tempo, como um dos símbolos de sucesso de grande empresa privada, no Submédio do Vale do São Francisco.

Entre os pioneiros da fruticultura nessa região, destaca-se também o empresário, descendente de japoneses, Mamuro Yamamoto, que era um grande produtor de batata no Paraná e chegou a esta região, no início da década de 1970, quase na mesma época do Sr. Persico, Fazenda Milano. Por ser um empresário agrícola de espírito arrojado, o Sr. Yamamoto logo se tornou o maior produtor de uva em escala comercial nesta região. Naquela época, contratou os serviços de ex-técnicos da CVSF, que o orientaram tanto na compra de terras quanto na implantação dos parreirais da Fazenda Ouro Verde I, hoje município de Lagoa Grande, PE. Beneficiado com os incentivos fiscais da Sudene e financiamentos do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), ele ampliou o empreendimento, fundando a Fazenda Ouro Verde II, situada no município de Casa Nova, BA, onde instalou uma vinícola. Assim, chegou a produzir em torno de 800 mil litros de vinho por ano e um milhão de caixas de uvas de mesa, destinadas tanto para o mercado interno como para o externo. No entanto, a maior parte da produção era destinada ao mercado de São Paulo.

De acordo com Silva (2001), um fato marcante que acompanhou a trajetória destes pioneiros, além do aporte financeiro recebido de fontes diversas, foi, sem dúvida, o suporte técnico que eles puderam contar para realizar os seus empreendimentos, fornecido pelas instituições públicas, assim como por técnicos e ex-técnicos destas que atuaram na região, a partir da década de 1950. Dessa forma, o pioneirismo destes empreendimentos deve ser creditado, também, a um grande número de técnicos, que, igualmente a esses empresários, também vieram dos mais diversos recantos do país e até de fora deste, mas que se mantiveram no anonimato, como os colonos pioneiros do Projeto Piloto de Bebedouro. A visão e a ação conjunta desses atores constituíram a base para a transformação do aparelho produtivo local e foram uma das forças de propulsão da vitivinicultura e da economia local. Vale ressaltar, portanto, que estas forças vieram de fora desta região.

A partir da segunda metade da década de 1980, é que a atividade frutícola desta região expandiu-se rapidamente, favorecida pelas vantagens comparativas, dadas as potencialidades de recursos naturais desta região, em especial das condições de clima semiárido tropical, com temperaturas elevadas, alta insolação e grande disponibilidade de água de excelente qualidade para irrigação. Dentre outros fatores que, também, concorreram para a formação deste polo frutícola, destacam-se os incentivos fiscais e financeiros e o apoio institucional oferecidos pelo Estado, assim como, a ação do setor público com estudos e pesquisas destinados a dotar esta região de uma base científica e tecnológica sólida, que viria apoiar os empreendimentos atuais. A aplicação de tecnologias modernas de agricultura irrigada, também, proporcionou a obtenção de produtividades elevadas e de frutas de boa qualidade, firmando esta região como importante polo (polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA) de produção de frutas no cenário nacional, voltado tanto para o mercado interno quanto para o externo. O apoio técnico e científico, em termos de pesquisa, fornecido pelos centros de pesquisa da Embrapa e das entidades estaduais de pesquisa (Instituto Agrônômico de Pernambuco (IPA) e Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA); dos órgãos de fomento ao desenvolvimento regional (Codevasf e Sudene), de instituições de apoio, fomento e capacitação – Centro Federal de Educação Tecnológica de Petrolina (Cefet Petrolina) e Universidades – Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), entre outras) foi fundamental para consolidação do polo de fruticultura nessa região.

Em torno dessa atividade, instalou-se uma iniciativa privada dinâmica, que foi capaz de estruturar uma organização empresarial atuante, com base em cooperativas, associações de produtores e alianças com setores da distribuição e com o Estado. Vale destacar, também, o papel exercido pela Cooperativa Agrícola de Juazeiro (CAJ), pela Brazilian Grapes Marketing Association (BGMA) e pela Associação dos Produtores e Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco (Valexport), como organizações e locus da representação dos interesses empresariais da fruticultura do polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA.

Paralelamente ao esforço exportador das empresas produtoras de frutas, comandado por essas organizações, surgem várias iniciativas de pequenos e médios produtores, que esboçam novas formas de organizações perseguindo uma melhor inserção na cadeia de comercialização nos mercados externo e interno, a exemplo da Associação dos Produtores do Vale (Aprovale), Cooperativa de Produtores Exportadores do Vale do São Francisco (Coopexvale), entre outras.

Essas organizações têm propiciado ganhos em escala para os vários componentes do custo final da produção, atuando com uma logística de apoio comercial, contribuindo para a circulação das informações técnicas e de mercado

e, também, exercendo o papel de controle da qualidade, visando ao desenvolvimento de marcas comerciais para as frutas desta região.

Recentemente, a Embrapa, o Sebrae, o Instituto do Vinho do Vale do São Francisco (Vinhovasi) e as Associações de produtores deste polo vêm despendendo esforços, visando à obtenção da Identificação Geográfica de Procedência (IGP) para os produtos do Submédio do Vale do São Francisco em particular para manga, uvas de mesa e vinhos. A criação de uma identidade regional, associando as condições naturais que lhe são peculiares, confere aos seus produtos uma tipicidade própria, que se traduz num fator de diferenciação, que resultará em um melhor reconhecimento e posicionamento mercadológico da produção regional de frutas.

A vitivinicultura na região semiárida vem se destacando no cenário nacional, face aos altos rendimentos alcançados, proporcionados pela alta produtividade e qualidade da uva e de vinhos finos, resultando na rápida expansão da área cultivada e do volume de produção, tanto de uva para consumo in natura quanto de vinhos. Diante disto, a vitivinicultura passou a se destacar como uma alternativa econômica para a agricultura irrigada do polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA, a partir de meados dos anos 1980, mesmo nos cenários mais adversos da economia brasileira, como o de estagnação e inflação dos anos 1980 e início dos anos 1990, dos impactos das variações cambiais ocorridas nos períodos entre 1994 e 1998 e entre 2003 e 2007, os quais não foram capazes de interromper essa tendência de crescimento.

Convém ressaltar a especificidade da vitivinicultura da região semiárida nordestina, em virtude da adaptação e do comportamento fisiológico diferenciado das diversas cultivares às suas condições edafoclimáticas. Assim sendo, os processos fisiológicos são acelerados, vez que a produção de mudas por propagação vegetativa é feita num período máximo de 60 dias, enquanto a primeira safra pode ser obtida em cerca de um ano, após o transplântio das mudas. Considerando-se que o ciclo produtivo da videira pode oscilar entre 90 e 130 dias, dependendo da cultivar, pode-se obter até duas safras e meia por ano, mediante a adequação das técnicas de produção. Isto possibilita a produção de uvas durante todo o ano, bem como a obtenção de produtividades maiores que $30 \text{ t}\cdot\text{ha}^{-1}\cdot\text{ano}^{-1}$, tanto para uvas destinadas para o consumo in natura, quanto para a produção de vinhos finos e sucos concentrados, superando as obtidas nas demais regiões produtoras brasileiras. Por outro lado, a readequação das técnicas de produção também permite que a colheita de uvas com e sem sementes para o consumo in natura seja realizada nos períodos de entressafra do mercado internacional, quando então os preços apresentam-se mais elevados. O escalonamento da produção de uvas, especialmente para vinhos finos, possibilita a construção de plantas industriais de menor porte, sem prejuízos para a produção anual. São estas peculiaridades que tornam a vitivinicultura uma

atividade com menor grau de incerteza e de elevada rentabilidade econômica para os vitivinicultores do Submédio do Vale do São Francisco.

No período de 1991 a 1997, enquanto a área cultivada e a produção de uva no Brasil cresceram num ritmo muito lento ou permaneceram praticamente estagnadas e com tendência declinante em algumas regiões, na região semiárida do Nordeste, os respectivos crescimentos foram bastante significativos, motivados pela sua expansão agroindustrial. Nesse período, a área cultivada com videira passou de 1.935 ha para 4.368 ha, registrando um crescimento da ordem de 14,5% ao ano, enquanto a produção cresceu a um ritmo superior a 20,6% ao ano, no período, passando de 37,2 mil para 114,2 mil toneladas (INSTITUTO FNP, 1992, 1998). Esse crescimento extraordinário também foi acompanhado pela elevação da produtividade média da uva desta região, que, no período de 1991 a 1997, passou de 19,2 t.ha⁻¹.ano⁻¹ para 26,1 t.ha⁻¹.ano⁻¹. Este binômio melhorou substancialmente a posição competitiva desta região como produtora de uvas no cenário nacional.

As exportações de uvas no Brasil tiveram uma trajetória ascendente até 1993, quando alcançaram um volume recorde de 12,5 mil toneladas. A partir de então, o volume exportado passou a decrescer, alcançando o patamar de apenas 3,6 mil toneladas, em 1997, decorrente da preferência do mercado externo por uvas sem sementes. No entanto, em que pese a redução das exportações brasileiras, a participação da uva produzida no Submédio do Vale do São Francisco no mercado externo apresentou uma tendência sempre crescente, passando de 58,3%, chegando a alcançar 100% do volume total das exportações do país, no período de 1992–1997 (SILVA et al.,1998). Os valores médios obtidos por tonelada mantiveram-se constantes, em torno de US\$ 1,1 mil. Segundo Carraro e Cunha (1994), trata-se da única fruta brasileira a ultrapassar o valor de mil dólares por tonelada, no referido período. Por outro lado, o preço da uva no mercado doméstico, que apresentava uma tendência de declínio até 1993, com o advento do Plano Real, em 1994, reagiu, ultrapassando o patamar de R\$ 1,00.kg⁻¹, tornando este mercado mais atraente, a ponto de interferir no desempenho das exportações de uva desta região.

Entretanto, o mercado externo para uvas do Vale do São Francisco tem uma característica importante, vez que se trata de um mercado de contraestação, voltado para o consumo *winter fruit* dos países importadores do hemisfério norte, ocupando, portanto, as janelas de exportações durante dois períodos do ano: abril–junho e outubro–dezembro⁵.

⁵ Nos últimos anos, tem ocorrido uma antecipação das exportações para esse segundo período, com o início desta já no final do mês de agosto. Entretanto, não se pode assegurar que esta extensão do período representa um alargamento da “janela de exportação”, pois, ao que tudo indica, decorre de problemas de produção dos países concorrentes, associados às suas condições climáticas.

A partir de 1998, com a mudança da política cambial do país, houve uma retomada no crescimento das exportações de uva do polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA, de modo que no período compreendido entre 1998 e 2007, o volume e o valor das exportações de uva tiveram uma trajetória ascendente, exceto no ano de 2004, devido à incidência de fortes chuvas nesta região. Conforme demonstram os dados do Instituto FNP (1999, 2007), nos últimos dez anos, a taxa de crescimento médio do volume exportado foi da ordem de 32,9% ao ano, enquanto o seu valor cresceu a uma taxa média de 45,2%, refletindo, assim, uma evolução do preço de exportação, cuja taxa de crescimento médio girou em torno de 9,2%, rompendo a barreira de dois mil dólares por tonelada, no ano de 2005.

Essa evolução nos preços de exportação pode ser atribuída à crescente participação da uva sem sementes na composição da pauta de exportação deste polo. Neste contexto, vale ressaltar o trabalho realizado pela Embrapa Semi-Árido na identificação e desenvolvimento de técnicas de manejo das cultivares de uvas sem sementes, tais como: Sugraone e Thompson Seedless, que potencializaram, em caráter definitivo, a produção desta fruta no Submédio do Vale do São Francisco.

O comportamento dos preços da uva nos mercados nacional e internacional contribuiu para manutenção da lucratividade dessa cultura, tornando-a uma das mais rentáveis da agricultura irrigada do Semiárido nordestino. Até o ano de 2003, este setor conviveu com o aumento de preços e com a desvalorização cambial, experimentando, portanto, a oportunidade de elevar os ganhos de rentabilidade. Entretanto, a partir de então, essa situação vem se deteriorando com a valorização cambial, conforme demonstra Siqueira (2007). Muito embora o setor tenha continuado a conviver com preços em tendência de alta, esse ritmo foi desacelerado em relação ao período anterior, ficando abaixo até da variação dos preços internos e quase duas vezes inferior à valorização cambial entre 2003 e 2007. Segundo esse autor, no período de 1999 a 2007, o aumento do preço da uva foi três vezes inferior à variação do Índice de Preços por Atacado (IPA), que reflete mais diretamente nos custos de produção. Com isso, o setor vem sofrendo uma pressão negativa sobre a sua rentabilidade, decorrente das perdas de lucratividade das exportações.

Quando se observa a elevação do preço da uva no principal mercado atacadista do país (Ceagesp), em comparação com a evolução do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial do país durante o Plano Real (1994 a 2007), constata-se que o aumento acumulado do preço da uva, em torno de 224,5%, mostra-se ligeiramente inferior à inflação (227,82%) do período considerado, mas foi superior ao acumulado pelo grupo alimentação e bebidas, que registrou um aumento da ordem de 152,36%. Vale ressaltar que nesse mesmo período, a evolução dos preços das frutas, em geral, foi negativa, com uma deflação da ordem de 24,7%, significando uma apreciável queda real nos preços.

Diante disto, é necessário ressaltar a importância que o mercado interno desempenha na dinâmica da vitivinicultura do polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA, pois, além da função complementar ao mercado externo, inclusive, determinando a economia de escala que a atividade exportadora exige, estima-se que o mercado interno absorveu cerca de 162,8 mil toneladas de uva, o que corresponde a 67,5% da produção deste polo, no ano de 2007.

O segmento do agronegócio da uva do polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA, envolve um conjunto heterogêneo de agentes com diferentes objetivos e estratégias de inserção no mercado, que procura responder à evolução da sofisticação de consumo com produtos condizentes com as qualidades exigidas pelos diversos mercados. Em torno do mercado interno, insere-se a grande maioria dos pequenos produtores, que representam cerca de 75% dos viticultores e que detêm mais de 20% da área cultivada com uva. As diferentes estratégias adotadas por esses agentes dão origem às mais diversas formas de estruturas organizacionais e arranjos institucionais.

Na gestão do processo produtivo da uva, são combinadas as mais diversas formas de contratos de trabalhos e serviços, envolvendo assalariamento (permanente, temporário, por tarefa), parcerias, consultorias técnicas, terceirização de algumas etapas dos processos produtivos e de pós-colheita. Essa flexibilização de contratação do trabalho possibilita a precarização das condições de trabalho, na medida em que leva um contingente de trabalhadores ao desamparo da proteção social e trabalhista. A informalidade nas relações de trabalho cria condições para uma alta rotatividade dos empregados e flutuação de empregos ao longo do ano.

1.3 Desafios e oportunidades para o desenvolvimento da vitivinicultura no polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA

A agricultura irrigada do polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA, tem demonstrado dinamismo e uma grande capacidade competitiva na produção de frutas tropicais e de uva. Entretanto, a fruticultura ainda se defronta com vários obstáculos e enfrenta cenários adversos que desestimulam a ampliação dos investimentos, devido à falta de um programa específico para promover o desenvolvimento deste setor.

O desempenho apresentado pela vitivinicultura neste polo, a partir dos anos de 1980, demonstra que o futuro dessa cadeia produtiva apresenta-se com grande

capacidade de expansão e de inserção nas redes nacional e internacional de suprimento agroalimentar, podendo representar uma grande oportunidade para o desenvolvimento regional.

Em um setor constituído predominantemente por empresas nacionais, o foco nas exportações continuará sendo uma grande oportunidade para que elas possam internacionalizar suas atividades, seja estabelecendo parcerias e associando-se com empresas dos países centrais, atraindo-as para produzir em nosso território, seja estabelecendo as suas unidades de produção e de distribuição naqueles países, engrossando o rol das empresas transnacionais brasileiras do agronegócio. Entre as grandes transformações pelas quais vêm passando o agronegócio mundial, o processo de internacionalização tem sido estratégico para garantir a segurança do abastecimento alimentar dos países desenvolvidos. Por outro lado, as empresas nacionais podem se beneficiar dos subsídios agrícolas por eles oferecidos, além das facilidades de financiamento da produção em condições mais favoráveis do que as oferecidas no mercado financeiro doméstico, assim como da inserção dos produtos agrícolas no mercado mundial.

O aproveitamento das oportunidades oferecidas pelo imenso mercado interno para o consumo de uva e de seus derivados pode contribuir para a consolidação do setor vitivinícola do Submédio do Vale do São Francisco, vez que o Brasil é um país que ainda apresenta um baixo consumo per capita de uva. Entretanto, no período de 1980 a 2005, vem-se confirmando a tendência de crescimento, vez que o consumo per capita passou de $10,09 \text{ g.hab}^{-1}.\text{dia}^{-1}$ para $18,72 \text{ g.hab}^{-1}.\text{dia}^{-1}$, registrando, assim, um crescimento da ordem de 86%, mas, ainda, muito aquém da média do consumo mundial, que é da ordem de $26,5 \text{ g.hab}^{-1}.\text{dia}^{-1}$. Com relação ao vinho, o consumo per capita no país, em 2005, foi de apenas $1,8 \text{ L.hab}^{-1}.\text{ano}^{-1}$, enquanto que nos países que apresentam o consumo mais elevado, pode chegar a $50 \text{ L.hab}^{-1}.\text{ano}^{-1}$. Portanto, o mercado potencial para uva e vinho é muito grande.

Uma das principais vulnerabilidades da vitivinicultura do polo Petrolina, PE/Juazeiro, BA, ainda é a elevada concentração da produção de uva voltada para o consumo in natura, quando existe uma grande oportunidade para a vitivinicultura desta região, que pode ser oferecida por outros produtos da sua cadeia produtiva, tais como: sucos, passas, vinagres, fármacos, pigmentos, entre outros, além do grande potencial para o desenvolvimento do enoturismo.

A ampliação do mercado interno para a uva e seus derivados representa um passo importante para a expansão da vitivinicultura desta região. Trata-se de um movimento que já se encontra em curso; entretanto, precisa ser apoiado por políticas públicas voltadas para o fortalecimento do setor. O sucesso desse ciclo virtuoso criará condições para consolidação nesta região de um grande polo de vitivinicultura com condições de assumir a liderança mundial do setor em curto prazo.

As organizações dos interesses privados também desempenharam um papel fundamental para a consolidação da vitivinicultura, vez que a estruturação dessa representação de interesses foi capaz de interagir com o Estado, ocupar espaços estratégicos nos campos políticos e negociais e assumir a coordenação e o monopólio da representação do setor, perante os poderes públicos constituídos (SILVA, 2001). Essa estratégia de governança setorial, entretanto, foi predominantemente voltada para a exportação, envolvendo um número reduzido de empresas e produtores. A ausência de uma estratégia para potencializar o mercado interno, incorporar outras categorias de produtores e ampliar o escopo da concertação dos interesses, dificultou o “reconhecimento público” das principais entidades de representação dos interesses dos fruticultores e vitivinicultores (Valexport, BGMA) no próprio segmento produtivo deste polo.

O prenúncio das mudanças que pairam sobre a cadeia da vitivinicultura deste polo, decorrente, em grande parte, das transformações que vêm ocorrendo no agronegócio nacional e mundial, já repercute diretamente sobre os interesses constituídos e está resultando no desarranjo das atuais organizações de interesses privados, sinalizando, portanto, o surgimento de novas estratégias de governança setorial.

Nesse sentido, medidas de indução externa do Estado, para promover os realinhamentos das tendências atualmente em curso nas cadeias de abastecimento de alimentos, para apoiar o desenvolvimento setorial e para fortalecer a estrutura de governança setorial local, se fazem necessárias. Mas, para o sucesso desta indução, é preciso definir uma estratégia de desenvolvimento acelerado para toda a cadeia, que contemple investimentos para expansão da área cultivada, fortalecimento dos segmentos de fornecedores (máquinas e equipamentos, insumos, entre outros), desenvolvimento tecnológico (centros de ensino e pesquisa e institutos) e ampliação da capacidade agroindustrial para vinhos, sucos e outros derivados da uva (SIQUEIRA, 2007).

No que concerne ao segmento de pesquisa, é de suma importância que os centros de pesquisa e de serviços da Embrapa façam um esforço concentrado, visando à introdução de novas cultivares/clones, seleção de clones com base nas cultivares já adaptadas às condições edafoclimáticas deste polo, desenvolvimento de novas cultivares com resistência/tolerância às principais doenças e pragas predominantes nos parreirais deste polo, aperfeiçoamento dos sistemas de produção em uso (combinações adequadas entre copa e porta-enxerto, sistemas de condução, manejo de água e nutrientes, redução do uso de agrotóxicos, aperfeiçoamento do Sistema Agropecuário de Produção Integrada – PI-Uva). A adequação das técnicas de elaboração de vinhos, sucos concentrados e outros derivados da uva para condições semiáridas tropicais, conclusão do processo de Identificação Geográfica de Procedência para os produtos do Submédio do Vale do São Francisco,

fornecimento de materiais básicos isentos de vírus destinados à produção de mudas certificadas, entre outras atribuições, devem constar na pauta de prioridades das instituições de P&D desta região.

Também, cabe ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o papel de orientação, fiscalização periódica e rigorosa dos viveiros que produzem mudas de videira. Entretanto, é necessário que haja disponibilidade de materiais básicos certificados tanto de cultivares de porta-enxertos quanto de produtoras e de incentivos para implantação dos bancos de matrizes, como, também, o credenciamento de fazendas privadas fornecedoras de materiais de propagação para copa, mas que, também, sejam fiscalizadas por técnicos do Mapa.

1.4 Referências

AGRIANUAL. São Paulo: FNP Consultoria e Comércio, 1992, 1998, 1999, 2008.

ALBUQUERQUE, T. C. S. de; SOUSA, J. S. I. de; OLIVEIRA, F. Z. de. A expansão da viticultura no Submédio São Francisco. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ENOLOGIA E VITICULTURA, 2.; JORNADA LATINO-AMERICANA DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 2.; SIMPÓSIO ANUAL DE VITICULTURA, 2.; 1987, Garibaldi, RS. **Anais...** Porto Alegre: Abtve, 1987. p.1-8.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior. **Exportação Brasileira 1996-2008**. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/consulta>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

CARNEIRO, W. M. A.; COELHO, M. do C. S. G. **Vitivinicultura nordestina**: características e perspectivas. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. 135 p. (Série Documentos do Etene, 19).

CARRARO, A. F.; CUNHA, M. M. da. **Manual de exportação de frutas**. Brasília, DF: Frupex: IICA, 1994. 252 p.

CODEVASF (Brasília, DF). **Cadastro Frutícola 1999 do Vale do São Francisco**. Brasília, DF, 1999. 1 CD-ROM

FREUND, M. **Vinho no Sertão**: vinicultura no Vale do São Francisco. Pernambuco. Brasília: DF, Senai, 2007. 121 p.

GOES, E.S. de; ALBUQUERQUE, T.C.S. de. **A uva no Submédio São Francisco**. histórico e perspectivas. Recife: Sudene, 1987. 12 p. Comunicado apresentado pelos autores na 3. reunião do Conavin, Petrolina, PE, 1987.

LEÃO, P. C. de S.; POSSIDIO, E. L. de. In: LEÃO, P. C. de S.; SOARES, J. M. (Ed.). **A viticultura no semi-árido brasileiro**. Petrolina: Embrapa Semi-Árido, 2000. cap. 1, p. 13-17.

SILVA, P. C. G. da. **Articulação dos interesses públicos e privados no pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA**: em busca de espaço no mercado globalizado de frutas frescas. 2001. 245 f. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas.

SILVA, P. C. G. da; LEÃO, P. C. de S.; CERDAN, C.; SAUTIER, D.; CHOUDHURY, M. M.; BENTZEN, M. da C. P.; BARRETO, M. C. A cadeia produtiva da uva de mesa do Nordeste do Brasil. In: CASTRO, A. M. G.; de; LIMA, S. M. V.; GOEDERT, W. J.; FREITAS FILHO, A. de; VASCONCELOS, J. R. P. (Ed.). **Cadeias produtivas e sistemas naturais**: prospecção tecnológica. Brasília, DF: Embrapa-SPI, 1998. cap. 20, p. 527-564.

SIQUEIRA, T. V. Vitivinicultura mundial: 1961-2007. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 233-298, set. 2007.